

Contradições e simbioses natureza e cultura: as memórias insulares na Belém verde-urbana.

João Marcelo Barbosa Dergan-UFGA

Fazer pesquisa sobre as memórias insulares de Belém na atualidade requer o mínimo de mergulho nas lembranças de homens e mulheres que vivem nestes espaços, portanto, por dentro de suas intenções e vivências, sem considerar no entanto essas lembranças como a verdade única sobre as ilhas de Belém, pois que como nos lembra LE GOFF (1990), história não é memória, ainda que dela não possa prescindir, mas como parte importante, talvez essencial na nossa narrativa histórica, assim a pesquisa se faz 'de dentro' e não 'das margens' (PACHECO, 2006; BORGES, 2010).

Compreender a cidade de Belém na atualidade não quer dizer simplesmente descrever memórias dos homens e mulheres no momento presente, não só porque as memórias perfazem ritmos temporais (AMADO e FERREIRA, 1996) que se reelaboram de forma complexa em pluralismos de durações, como nos faz pensar BACHELARD (1989) quando reflete com prudência metodológica para o estudo de memória e então questiona do passado, o que permanece? o que dura? Nos diz que "apenas aquilo que tem razões para recomeçar" (BACHELARD, 1989, p. 8), que já nos dariam motivos para cuidados suficientes na construção de nossa narrativa histórica, mas também por compreender que o momento presente, ou a atualidade, além da atenção as memórias, com cruzamentos de muitas fontes para compreensão das relações, requer compreender como se chegou as vivências do presente, um mergulho nos 'rastros' das fontes e nos 'fios' das memórias do passado (GINZBURG, 2007), para narrar um tipo de história do tempo presente, que mesmo um tipo, possa se aproximar das vivências que tornam a vida real, e portanto, aqui, das vivências de homens e mulheres que constroem suas vidas, esperanças, filhos, sonhos, associações e trabalhos e que inventam seu cotidiano (CERTAU, 1994) nas ilhas e na cidade de Belém.

1- A Belém nas ilhas e as ilhas da cidade

'Aquilo com razões para recomeçar' pode ser o ponto de partida para o entendimento de uma cidade que nos últimos 20 anos vem buscando as orlas, beiras de rio, espaços próximos das águas da baía do Guajará e do rio Guamá,

como lugares 'públicos' de contemplação de suas águas e de longe, das matas que formam as ilhas que a circundam. Os projetos instalados, como 'ver-o-rio', 'estação das docas', 'portal da amazônia' trazem a tentativa de recomeçar uma relação com as águas, rios, matas e as ilhas na cidade de Belém, que em muitos momentos históricos tentou-se negar, mas que de uma maneira ou de outra, não foi possível tornar invisível, pois, parafraseando Williams, a muitos 'campos' na cidade que nos forma, ou muitos rios e matas na cidade que está mergulhada na modernidade e em todos os seus paradoxos.

Belém apresenta-se como uma metrópole-capital do Norte do Brasil na qual os arranha-ceús, as grandes avenidas, as lojas e supermercados 24 horas, os shoppings centers que surgem e marcam a cidade a colocam com características modernas e de vida cosmopolita e ao mesmo tempo, nos últimos 20 anos aproximadamente, o poder público, tanto municipal, como estadual ou federal, o Estado, vem implantando projetos para os espaços das proximidades dos rios, ocupados em algumas partes por portos, madeireiras, hotéis, entremeados por palafitas, para fazer parte dos espaços públicos da cidade, como o 'ver-o rio', a 'estação das docas' e o 'portal da amazônia', como busca dos espaços circundados por águas, rios e suas orlas como marca contemplativa da cidade na modernidade. Das orlas, podem-se se observar, como parte 'distante' da cidade, mas ao mesmo tempo fazendo parte de sua paisagem e de seu contorno, o verde das árvores que formam a vegetação dos espaços de algumas ilhas de Belém.

Então, questionamos, como a cidade, através dos projetos de governo, principalmente no final do XX e início do XXI, elaboram, pensam e querem as ilhas?

Estudos realizados pelo Estado nos últimos anos mostram a reconfiguração de Belém como um município, digamos, insular, homegeneizando esses espaços como importante área verde da cidade cosmopolita e moderna.

Estudos sobre o crescimento urbano e territorial do município de Belém e a relação deste com áreas verdes da cidade ao longo de 25 anos, foram realizados pela Companhia de Desenvolvimento do Município de Belém-CODEM, por exemplo, em 1999¹. Mesmo que o estudo não tenha detalhado situações, causas e possíveis soluções a estes problemas - na medida em que não há informações mais específicas nos relatórios e mapas consultados - uma análise comparativa nos levam a ter a visão de que concomitantemente com o crescimento urbano e

territorial de Belém, as áreas verdes dos espaços continentais da cidade vão diminuindo.

Em função de as ilhas estarem incluídas nestes estudos referentes ao município de Belém, o relatório nos informa que “as ilhas de Belém, representam a grande área verde importante do município sem profundas e grandes alterações nestes últimos 25 anos”².

Para o Estado, através das Instituições públicas como a CODEM, houve poucas e imperceptíveis alterações na cobertura vegetal das ilhas de Belém, o que foi considerado importante e fundamental como espaço verde do município de Belém.

Na insularidade que compõe aproximadamente 67% da área total de Belém, com aproximadamente 43 ilhas³, enfatizadas pelo Estado como importante ‘área verde’ do município, poder-se-ia estaticamente compreender Belém como insular e verde, escamoteando a dinâmica e movimento na relação insularidade e continentalidade da cidade nos últimos anos, que tornaram possível a visibilidade democrática no espaço da urbe dos homens e mulheres que vivem nas ilhas, na qual as memórias fazem parte importante dessa história.

As ilhas são vistas como áreas verde de Belém, ou como parte do lazer da urbe, pela continentalidade da cidade,

“Os arredores de Belém são excelentes opções de lazer, além de boa fonte de conhecimento sobre a região. No roteiro turístico podem estar as Ilhas do Combu, Cotijuba, Acará, entre outras” (Revista Pará Onde, 2000: 71).

“A ilha de Cotijuba fica localizada a cerca de uma hora do Centro de Belém. Empresas especializadas fazem passeio a Ilha” (Revista Amazônia, 1999: 58).

É através das vivências e memórias dos homens e mulheres das ilhas que podemos perceber como foi possível na dinamicidade das relações se tornarem visíveis na cidade, nos últimos anos, principalmente a partir da década de 80 do XX.

E como os homens e mulheres das ilhas de Belém pensam e constroem suas organizações para se relacionar com a cidade? Como elaboram suas relações de trabalho e que ‘novas’ possibilidades surgem na atualidade?

2- Histórias e memórias de organizações e trabalhos:

Era um dia comum ensolarado de junho de 2009, aproximadamente às 10 horas da manhã, que Adriana Lima, conhecida como Deca, representante da Associação das Ilhas de Belém, participava de um seminário avaliativo dos contratos

de trabalho estabelecidos entre a Empresa Natura e as Associações. Na cerimônia, Adriana fala do momento em que construíram os primeiros centros comunitários, a importância daquele momento para as suas vidas e afirma categoricamente que ainda que tenham muitas coisas para melhorar, está se vivendo um outro tempo, tempo 'de novas possibilidades'.

Memórias de outrora, memórias do evento, memórias do viver presentes na apresentação do relatório citado acima pela Adriana em um diálogo informal em dezembro de 2012 (mais de dois anos após aquele evento) e ainda afirma que 'novas possibilidades surgiram', mas questiono que possibilidades são essas, como viviam e como vivem depois dos contratos estabelecidos com a empresa Natura, que tempos se cruzam na memória para explicar o tempo presente?

Ao longo de passado de ocupação, com conflitos, resistências e adaptações na região amazônica desde o período colonial incentivado pela coroa portuguesa (CHAMBOULEYRON, 2010), como uma das 'Margens e ilhas míticas do Novo Mundo (UGARTE, 2003), na qual houve usos dos espaços das ilhas de Belém também neste processo, como a implantação de uma máquina de branqueamento de arroz em Cotijuba (GUERRA, 2007), a períodos muitos posteriores como a implantação de colônia reformatória de menores implantada e construída na ilha de Cotijuba, no período da intervenção de Magalhães Barata no Estado do Pará como aliado de Getúlio Vargas, em 1934-1937, e o incentivo da entrada de japoneses para realização de atividades agrícolas nesta colônia, refugiados da guerra mundial européia no período, colônia depois transformada em presídio na década de 1960, na qual houve portanto muitas experiências de trabalhos. Partindo da necessidade de aprofundar a pesquisa, mas na análise interpretativa da fala de Adriana, que deverá ser cruzada com outras entrevistas e outras fontes no decorrer do quontinum da pesquisa, podemos sugerir que elementos dos aprendizados passados são manipulados na memória no sentido de explicar suas vivências de trabalho.

Agente q faz os giral das verduras mesmo, vende na feira de Icoaraci, aqui mesmo, e desse giral que seca as sementes, também já fazíamos a muito, meu pai desde q trabalhou pros japoneses, eles faziam, sempre nessa parte mais baixa daqui, ai fica bom, sequinha, bem cuidada, né (ADRIANA, Cotijuba, 2012).

Assim, ressalta a importância da chegada dos japoneses como aprendizado na forma de tratar as verduras que se estendem hoje a forma de tratar as sementes

para as empresas, mesmo que sutilmente, ou residualmente, prefira esquecer o tempo da colônia dos menores e o presídio.

Eles tinham empregados pra fazer, uns quinze, e da época que faziam pro Educandário, mas isso nem tem mais, ih, já foi coisa que veio pra cá, mas que nem resta o que de nada desse tempo, tem ai essa construção, mas que hoje é só mesmo o que restou, porque nossa ilha sempre foi bom de se viver (ADRIANA, Cotijuba, 2012).

Entre as ruínas do presídio que faz parte da entrada de Cotijuba, na chegada de seu trapiche principal, onde moradores, visitantes ou quem quer que chegue e saia da ilha visualiza, e as ruínas das memórias, há muitas possibilidades de compreender e explicar as relações estabelecidas na ilha e cidade, que aqui, chamamos a atenção para algumas questões das relações de trabalho.

Está presente na fala de Adriana a manipulação na memória de tempos passados vivos no presente, como as escolhas dos lugares onde são realizadas o tratamento para comercialização das sementes fornecidas para as empresas, na qual afirma sutilmente que mescla aprendizados da forma de tratamento utilizados pelos japoneses que chegaram na ilha partir dos anos de 1940, como o giral levantado, para não deixar a semente em contato direto com o solo e ter problema de umidade, bem como a escolha do local como pertencendo a um espaço coletivo visualizado pelos pais, na qual seria onde é permitido pelo 'toco do mato', que interferiu nesta escolha tanto quanto a característica do solo.

Antes tinha esse lado que meus pais, mais meus avós, que minha mãe conta, dos pais dela, que a parte de onde é a área que tem a passagem pela área grande, tinha esse toco que disque acendia e tudo, minha mãe conta que desde muito tempo, dai que quando fomos já fazer o centro, ih até que os que trabalharam com os japoneses achavam que devia ser lá, mas depois, acabou que por isso fizemos aqui mesmo e foi melhor até (ADRIANA, Cotijuba, 2012).

Quais as influências de quem veio para o Cotijuba em períodos anteriores e as influências na atualidade que devem ser observados para a pesquisa? As que estão presentes na memória das pessoas? Quais as adaptações realizadas entre os que já estavam e os que ficaram, e realizam contratos e trabalhos com as empresas no tempo presente?

Os trabalhos e as relações com a natureza, e todas as significações embutidas, não devem ter tido as mesmas características ao longo das décadas,

pois nossos igarapés e rios não são terras de ninguém ou 'sem história' (CUNHA, 1999), ainda que tenha figurado assim talvez mais como esboço de uma 'narrativa-fluvial' (BOLLE, 2005) de uma 'amazônia inventada' (GONDIM, 2007), mas pelo contrário, tem um longo passado de ocupação, por gente que ali viveu, usou suas águas e matas, deu significado a elas, trabalhou, criou seus filhos, enfim, criou história.

Na construção dessa história, a organização e funcionamento das associações e centros comunitários nas ilhas parece ter surgido com as novas possibilidades e relações estabelecidas na atualidade, a partir da década de 80 do XX, principalmente com o contato com pesquisadores, órgãos e instituições de ensino e pesquisa.

Em 2002, foi criado o Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém, que hoje é uma Associação na qual participam aproximadamente 200 pessoas, entre homens e mulheres das ilhas de Belém, entre as quais Ilha Nova, Uruboca, das Onças, Paquetá, Jutuba, Combu, na ilha de Cotijuba,

O MMIB foi fundado em 1998, na ilha de Cotijuba por algumas mulheres que faziam parte da APIC - Associação de Produtores da Ilha de Cotijuba. Dentro desta associação as mulheres iniciaram um grupo que era denominado GMAPIC. Em 2002 funda o MMIB, inicia uma parceria com a empresa Natura - para a comercialização da Priprioca (semente aromática), onde trabalham hoje 35 famílias. Entre os vários parceiros do MMIB estão: o Instituto Peabiru, a Mapinguari Design, o FMAP, o GMB, as empresas Natura e Beraca. MMIB é estendido também a jovens ligados ao movimento: são filhos, sobrinhos e "agregados" que hoje freqüentam a entidade. (ATA do MMIB, 18/08/2008)

Na Associação realizam as principais atividades que são a agricultura familiar orgânica, o beneficiamento de sementes (açaí, principalmente), e a comercialização de sementes (andiroba, pracaxi, ucuuba), para as empresas e ONGS, como o Instituto Peabiru, a empresa Beraca, a loja Mapinguari Design, a empresa Natura, que realizam parcerias e investimentos na associação.

Ilhas com Liderança- Iniciado em novembro de 2006, com duração total de 96 horas e destinado a atender 30 pessoas, o Curso de Formação de Lideranças coordenado pelo Instituto Peabiru e realizado na sede da associação do Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém – MMIB, na ilha de Cotijuba, dá continuidade às suas atividades em 2007. Até o final de abril o ciclo de palestras e oficinas será concluído, encerrando assim mais uma etapa dos projetos do Peabiru e investimentos da Natura na região.(PEABIRU Boletim, 2007).

Interesses diversos e de vários aspectos parecem se apresentar de maneira mais presente nas últimas décadas do século XX e principalmente na primeira década do XXI, na qual organizações não governamentais e empresas apresentam projetos relacionados a trabalho, entre outros, realizando contratos com as associações e organizações das ilhas de Belém, havendo aceitação, negação e adaptação as 'novas' formas de relações estabelecidas.

Princípio Ativo: Como uma velha empresa química de São Paulo conquistou a confiança dos povos da floresta e se tornou a maior fornecedora de óleos amazônicos para a cosmética internacional, com selo verde (...) Visualize a cena. Milão no final do inverno europeu. Num evento paralelo à In-Cosmetics, maior e mais glamourosa feira de produtos de beleza, gigantes da cosmética discutem transparência na cadeia de abastecimento de matérias-primas. De um lado da mesa, Michel Phillippe, vice-coordenador da L'Oreal, uma multinacional francesa com faturamento de US\$ 19,5 bilhões. De outro, Pascal Bordat, VP da igualmente francesa e globalizada Estée Lauder, com receitas anuais de US\$ 7,8 bilhões. Entre eles, Filipe Sabará, um brasileiro de 27 anos, diretor de negócios da Beraca, um fabricante de insumos para cosméticos à base de frutos da Amazônia (...)A Beraca é a maior fornecedora internacional de óleos e ingredientes derivados de frutos amazônicos e fornece para praticamente todas as grandes empresas que já entraram na onda dos cosméticos naturais e orgânicos, com selo verde, e seu faturamento cresceu 33% nos últimos três anos, e chegou a R\$110 milhões em 2010 (Revista Época Negócios N 53, Editora Globo, Edição Julho de 2011).

A empresa citada na revista acima realiza contratos com os sujeitos das associações das ilhas de Belém, pois “as sementes são levadas à fábrica da Beraca⁴, em Ananindeua (PA), e são despejadas todas em uma prensa para extração do óleo utilizado em produtos que vão ser feitos para cuidar da pele (...) É bom que eles vem aqui pegar conosco” (Ata da Associação das Ilhas de Belém, junho de 2010).

Um impacto eu acho que é a percepção do potencial em recursos naturais que a gente não sabia que tinha. E hoje nos preocupamos com a coleta para comercializar e também como vamos fazer para preservar estas áreas de coleta. Ainda falando de impactos. Existem as exigências de um contrato. Mesmo que ele seja informal, traz uma responsabilidade muito grande para a associação. Por exemplo, mesmo que a empresa ligue e diga olha, eu quero 500 quilos de fruto, a nossa associação se organiza de uma forma muito rígida para cumprir esse contrato na data que foi afirmada. Isso faz com que a gente se una e trabalhe mais de forma correta para atingir o nosso objetivo. Que tipos de modificações podem ser realizadas para aperfeiçoar o acordo? Uma coisa que foi falada ontem, que a gente ainda não tinha percebido dentro da associação: os objetivos da empresa em relação à comunidade. Então, a gente sempre se perguntou no início: se o nosso contrato é com a Beraca, porque que a Natura é tão aqui dentro? A certificação da pripioca não vai só para a pripioca, ela se estende ao quintal e à produção de cada produtor. Então, muitos

produtores nossos vendem frutas, hortaliças e toda essa produção é certificada, paga pela Natura. Isso abriu um novo caminho pra gente. (Relatório do Seminário Relações entre Empresas e Comunidades na Amazônia Brasileira: Reflexões e Propostas).⁵

Como processam nas suas vidas aos novos valores e realidades de mercado, e a reconstrução ou não de práticas que já estavam presentes nas suas vidas, de que maneira elaboram e reelaboram as condições em que se encontram com as novas demandas em curso, como utilizam, negam ou adequam aspectos do passado a realidade presente ao estabelecerem contratos com empresas, pois nos interessa analisar os elementos culturais não só de maneira estáveis, mas na dinamicidade das relações construídas, pois como nos lembra ALMEIDA (1998), cada vez mais é possível perceber a articulação entre as estruturas tradicionais e as forças de mudança.

Questionamos que elementos do passado, presentes na memória, ou elementos 'residuais', combinam, negam ou mesclam com o 'dominante', uma vez que *“um elemento residual cultural fica, habitualmente, a certa distância da cultura dominante efetiva, mas certa parte dela, certa versão dele, em especial se o resíduo vem de alguma área importante do passado, terá na maioria dos casos, sido incorporada(...)”*(WILLIAMS, 1976, p. 125).

Mesmo havendo relações entre os espaços insulares da cidade e a capital, nas ressignificações de suas memórias, não estavam inseridos como parte do município de Belém, corroborando a tese de que a cidade vive de costas para os rios *“os edifícios projetam sombras sobre o rio, mas a cidade não mais tem o rio nas suas margens, que apenas pode ser olhado furtivamente a partir de fendas mascaradas. Vive-se de costas para o rio, rejeitando totalmente o vínculo aquático(...)”*(ACEVEDO MARIN e CHAVES, 1997: 3), ainda assim, foram construídas historicamente relações entre os espaços do 'interland', com uma lógica 'diferente' da cidade, ainda que relacionada ao fornecimento e suprimento de alimentos a capital.

3- Belém insular: uma cidade que recomeçou?

Atestar que 'a cidade' se relaciona com seus mais diversos 'campos', ou que práticas consideradas rurais estão presentes no mundo urbano da cidade, pode ser simples. Em Belém, basta observar os homens e mulheres que trabalham nas principais feiras, como o ver-o-peso, o porto da palha, a feira de Icoaraci, entre

tantas que abastecem de alimentos a cidade, concorrendo com supermercados e centros alguns funcionando 24 horas, e verificar que há no movimento das feiras, o vai e vêm, não só das muitas frutas, verduras, legumes e farinhas que chegam de barcos e muitas vezes de pequenas canoas dos diversos interiores do Estado do Pará e também das muitas ilhas da cidade de Belém, mas também o vai e vem de meninos, meninas, mulheres, homens, senhores e senhoras.

Neste vai e vem das coisas e pessoas na cidade é que há muitos momentos de trocas comerciais, econômicas e materiais, das vendas dos produtos aos comerciantes das feiras, mas também, junto e simultaneamente a isso, diálogos informais, conversas aleatórias, construção de amizades e portanto, trocas simbólicas.

As memórias da cidade, que se fazem nestas possibilidades de relações cotidianas, mais que atestar teoricamente a produção e reprodução na interculturalidade, ou multiculturalidade, são construídas entre a continentalidade e as ilhas, que estão interconectadas e realizam trocas simbólicas, econômicas e culturais, entre conflitos e confluências (PACHECO, 2009), pois podem expressar vontades, sonhos e pesadelos de quem constrói a sua cotidianidade e a cidade (BRESCIANI, 2002), mesmo que não apareça claramente no cartão postal que a cidade escolhe de si mesma, como por exemplo, no ver-o-peso, eleito o cartão postal de Belém.

É nesta feira, entre outras, que seu Rui, de 70 de idade, chega durante a semana as seis da manhã, com o 'sol na cara', no dizer deste senhor que nasceu e vive até hoje em uma das ilhas de Belém, para vender os frutos de açaí. Os pais de seu Rui chegaram na ilha vindos de Igarapé-Mirim,

junto com as irmãs casadas, tias, tios, que vieram tudo junto com meu pai (...) eu mesmo q nasci aqui e minha tia, da parte da minha mãe, que foi parteira aqui de muita gente antiga aqui (...) e do açaí que vivemos, sempre q teve e hoje, mesmo com tudo os cuidados que temos, né, mas da feira venho de muitos anos, tai dona Colo, que já é até comadre, do meu filho do meio (Seu Rui, junho 2012)

Seu Rui ajuda a abastecer a feira de frutos e na relação de 'trabalho' cotidiano, está inserida a relação familiar, com laços afetivos, na qual Dona Colo, 67 de idade e aproximadamente 30 anos que vende açaí batido no Jurunas, refaz nas lembranças, desde que veio de Abaetetuba na década de 70,

tentar a vida em Belém, minha tia de mãe já era daqui, pra trabalhar na casa dela, mas meu marido e ela conseguiu trabalho nas casas de venda de tijolo e que ia sempre nas ilhas pra fazer coisa desses negócios deles, e minha tia já era dessa venda, eu aprendi muito, e nos já somos como de família, eu o Rui e a comadre Angelica, né esposa dele (...) e o filho dele que somos padrinhos, a filha dele casou-se com meu filho, e que sempre fomos assim, e somos até quando se Deus quiser (Dona Colo, junho de 2012).

FRAXE (2004) nos modela o olhar reflexivo de que há uma circularidade da cultura cabocla-ribeirinha na urbe, mais que isso, as histórias repletas de sentimentos, sentidos, sensibilidades, vontades, problemas e superações (BRESCIANI e NAXARA, 2001) cotidianas de seu Rui e dona Colo, por exemplo, mostram uma cidade que pode se abrir mais ainda, em suas políticas e espaços coletivos, aos 'mundos' de sua gente, para "(...)alinhar identidades, saberes e crenças na insularidade de seus modos de ser, trabalhar(...)" (PACHECO, 2009).

Nos movimentos dos campos a cidade, ou dos interiores para a cidade, há os movimentos da cidade ao campo, ou da cidade aos seus interiores, aqui, da Belém para as ilhas, que embora presente nos diversos tempos e momentos históricos, percebe-se a tentativa na atualidade de considerar as ilhas de Belém como turismo 'verde' da cidade.

Nas ilhas de Belém, principalmente a partir da década de 80 do XX, há construções de restaurantes, hotéis, e passeios que podem revelar esta tentativa de recomeçar da cidade, que busca as ilhas como lugar do tempo contemplativo da natureza que possa ter se perdido na sua urbanidade, mas, mais que isso, questiono como se dão as tentativas de aproximação de Belém nas ilhas? Como se estabelece as continuidades e rupturas em relação ao passado? Como os homens e mulheres das ilhas aceitam, negam ou adaptam suas relações a essas 'novas' possibilidades?

As concepções assumem características específicas nos vários momentos históricos, ou seja, a insularidade toma aspectos ora como paraíso ora como estranho, dependendo do contexto histórico e do olhar do sujeito nas teias das relações na modernidade, que se imiscuem as práticas e vivências mesmo que no 'turista aprendiz', que se mostram muitas vezes nos ofícios do viver (FIGUEIREDO, 2003).

Mais que descrever separadamente muitos processos históricos sociais e culturais que se efetivam e não efetivam na relação continentalidade e insularidade

da cidade de Belém, o cotidiano da pesquisa possibilita trazer a cena fabricação de memórias na narrativa histórica (HALBWACHS, 1968) de homens e mulheres que fazem as ilhas e a cidade.

NOTAS

¹ Fonte: CODEM. Relatório Evolução Urbana de Belém, CODEM, 1999.

² *Idem*, p.07.

³ Dados do Anuário Estatístico do Município de Belém, SEGEP, 2010.

⁴ A empresa Beraca têm unidades na França, no Brasil, nos estados de São Paulo, Goiás, Pernambuco, Ceará e Pará, sendo a unidade de Ananindeua localizada na Rodovia BR-316, Km. 08, s-n, quadra 3 lote 3, na qual visitamos em 22 de setembro de 2011/ 18 de junho de 2012.

⁵ Realizado em maio de 2009, organizado pelas empresas e por Marcelo Sampaio Carneiro, Manuel Amaral Neto e Katiúscia Fernandes Miranda, reportando-se a Adriana Lima, da Associação de Mulheres das Ilhas de Belém, que nos forneceu o citado relatório, que apresenta os principais contratos realizados com as comunidades da Amazônia, dos estados do Acre, Amazonas, Pará, principalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVEDO MARIN, R. E.; CHAVES, E. Imagens de Belém, paradoxo da modernidade e cultura na Amazônia, In: XIMENES, T (Org.). *Perspectivas do desenvolvimento sustentável: uma contribuição para a Amazônia XXI*. Belém: NAEA, 1997.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Um tesouro descoberto: imagens do índio na obra de João Daniel. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 05, 1998, p. 147-160.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BOLLE, Willi. *O Mediterrâneo da América Latina: a Amazônia na visão de Euclides da Cunha*. Revista USP, 2005, n. 66, p. 140-155.

BORGES, Ana Carolina da Silva. *Nas margens da história: meio ambiente e ruralidade em comunidades "ribeirinhas" do Pantanal Norte*. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

BRESCIANI, Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002, pp. 16-35.

BRESCIANI, S., NAXARA, M. (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Degredados, açorianos e migrantes: o povoamento português na região amazônica (século XVII), p. 27-47, In: CHAMBOULEYRON e ALONSO (Orgs.). *T(r)ópicos de História: gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)*. Belém, Ed. Açai, UFPA, 2010.

CUNHA, Euclides (1866-1909). Terra sem História (Amazônia) In: *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 01-71.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Pajelança e Medicina na Amazônia no limiar do século XX. In: CHALHOUR, Sidney et al (Orgs.). *Artes e Ofícios de Curar no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 273-304.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. A circularidade da cultura cabocla-ribeirinha: do campo à cidade, da cidade ao campo. In: *Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 241-291.

GINZBURG, Carlo. *O Fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. Manaus: Valer Editora, 2007, p. 09-76 (cap. I e II).

GUERRA, G. A. D. et al. *Transformações recentes na paisagem e na base produtiva da ilha de Cotijuba*. Belém, Pará, Brasil. *Movendo ideias*, Belém, v.7, n.11, p.48-55, jun. 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Editora Vértice, 1968.

LE GOFF, J. *Memória e História*. Unicamp/SP. 1990.

PACHECO, Agenor Sarraf. *À Margem dos "Marajós": Cotidiano, memórias e imagens da "cidade-floresta"-Melgaço-Pa*. Belém: Paka-tatu, 2006.

_____. *História e Literatura no Regime das Águas: Práticas Culturais Afro-indígenas na Amazônia Marajoara*. *Amazônica-Revista de Antropologia*, Vol. 1, 2009, p. 406-441.

UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens Míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do século XVI. In: DEL PRIORE, Mary e GOMES, Flávio (Orgs). *Os Senhores dos Rios: Amazônia, Margens e História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 3-31.

WILLIAMS, R. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1976.